



RUMO INVEST I

Carta Mensal

Abril 2025

rumonegocios.com.br



Um Pouco de Como Pensamos a Arquitetura da Nossa Carteira:

Prezados co-investidores,

Na construção do portfólio de ações do Rumo Invest I, observamos a carteira como uma composição estratégica, pensada com detalhismo e em termos de um adequado equilíbrio entre risco e retorno. É uma alocação que busca equilibrar segurança, desconexão com a economia brasileira e oportunidades assimétricas de multiplicação de capital.

Para tornar essa lógica mais tangível, agrada-nos usar uma metáfora simples, mas poderosa: a carteira como uma **pizza com três fatias distintas**, cada uma com papel claro e complementar e não necessariamente do mesmo tamanho – o tamanho de cada fatia varia nos diferentes momentos de ciclos do mercado.

Primeira fatia: Proteção e Estabilidade:

A primeira porção é composta por empresas sólidas, maduras e com receitas previsíveis. São negócios resilientes, geralmente líderes em seus setores, com vantagem competitiva e boa capacidade de geração de caixa. Elas não crescem de maneira exponencial, tampouco encantam em momentos de euforia, mas entregam consistência — seja na forma de dividendos, seja na preservação do capital em momentos de maior aversão ao risco. Exemplos de setores englobados nessa fatia são: *utilities* e bancos

Segunda fatia: Segurança contra o Brasil – A Âncora Cambial e Geográfica:

A segunda fatia contempla empresas que possuem receitas dolarizadas ou atuam de maneira globalizada, com baixa correlação à dinâmica da economia doméstica. São ativos que se tornam ainda mais valiosos em cenários de fragilidade fiscal, ruído político ou desvalorização cambial — não por especulação, mas por característica estrutural de seus modelos de negócio. Exemplos de setores e tipos de ativos usados nessa fatia: *commodities* e ações de exportadoras independente do setor.

Terceira fatia: Oportunidades de Multiplicação – o Verdadeiro *Upside*:

A última fatia representa o que denominamos de ativos assimétricos: empresas menores (*small* ou *micro caps*), normalmente subavaliadas, com alto potencial de geração de caixa, operação de qualidade, gestão competente e estrutura de capital adequada, mas que, por estarem em meio a ciclos desafiadores, problemas conjunturais ou pouco compreendidos, negociam a múltiplos deprimidos.

É aqui que colocamos o nosso verdadeiro “*skin in the game*”. São essas companhias que, bem selecionadas, têm o potencial de dobrar, triplicar ou mais, o capital investido.

De fato, tal estrutura de 3 camadas ou porções nos permite navegar com serenidade em diferentes situações de mercado. Em momentos de bonança, as oportunidades florescem. Em tempos adversos, a proteção e a descorrelação ajudam a preservar valor.

Essa é a essência do Rumo Invest I: alocar capital com racionalidade, visão de longo prazo e coragem de nadar contra a corrente, quando necessário.

Atualizações: Economia Americana, Brasil, Política e mais...

Direto ao ponto: o mês de março marcou uma inversão de humor entre os mercados internacionais e o Brasil. Enquanto os principais índices acionários americanos — S&P 500, Nasdaq e Dow Jones — recuaram 5,75%, 7,69% e 4,2%, respectivamente, o Ibovespa avançou 6,08%, impulsionado por fatores técnicos e pela revisão de expectativas quanto à trajetória dos juros domésticos. O dólar também perdeu força globalmente, caindo cerca de 3,2% frente à cesta de moedas e 3% frente ao real.

Nos EUA, a inclinação da curva de juros voltou a indicar preocupações com a atividade econômica. Títulos do Tesouro de até 10 anos seguem negociando abaixo da taxa básica, reforçando a expectativa de que o Federal Reserve possa promover, ao longo de 2025, ao menos três cortes de 25 pontos-base.

Vale destacar que a tensão predominou nos mercados por conta do anúncio de novas tarifas de importação pelos EUA, com implementação prevista para abril, que no final foram prorrogadas. Embora ainda haja incertezas quanto ao desdobramento dessas medidas, a estrutura inicial sugere uma tentativa de reequilíbrio nas relações comerciais.

As alíquotas propostas foram calibradas conforme os déficits bilaterais, atingindo mais duramente países do Sudeste Asiático, como Vietnã e Camboja (com tarifas próximas de 45%), passando por China (34%) e Japão (24%), até chegar às menores taxas aplicadas a Brasil, Argentina, Reino Unido e Singapura (em torno de 10%).

A leitura que se impõe é de que os EUA estão ensaiando um redesenho das bases comerciais globais, num movimento que lembra os acordos de Plaza (1985) e Louvre (1987), quando medidas cambiais e fiscais foram adotadas para conter déficits comerciais e restaurar competitividade industrial americana. Em pano de fundo, está o antigo paradoxo de Triffin: a contradição entre manter uma moeda como reserva de valor global e sustentar superávits externos em bases industriais cada vez mais fragilizadas.

Na Europa, o BCE reduziu sua taxa básica para 2,5%, indicando continuidade no processo de flexibilização monetária. A autoridade monetária europeia também se

manifestou com preocupação sobre os impactos colaterais de uma possível guerra tarifária, alertando para seus efeitos adversos sobre crescimento e controle da inflação.

No Brasil, o Banco Central elevou a Selic para 14,25% ao ano, reforçando a postura conservadora diante de expectativas de inflação ainda desalinhadas da meta. A despeito disso, o comunicado da autoridade monetária deixou portas abertas para ajustes menores nos próximos encontros, caso o cenário permita. A valorização recente do real e a redução no preço dos combustíveis contribuíram para uma ligeira melhora nas projeções inflacionárias. Ainda assim, a credibilidade do ajuste monetário depende, em grande parte, de avanços na disciplina fiscal — hoje pressionada por gastos elevados e um déficit primário projetado em cerca de 9% do PIB.

O bom desempenho do Ibovespa reflete não só os efeitos das commodities — cujo índice subiu 1,5% no mês — como também um ambiente técnico mais favorável e a leitura de que o ciclo de aperto monetário está próximo do fim. Adicionalmente, o enfraquecimento da popularidade do governo federal, conforme captado por pesquisas recentes, reacendeu especulações sobre a possibilidade de um futuro governo menos intervencionista a partir de 2026, o que, para parte dos agentes de mercado, poderia ampliar o apetite por risco.

Mensagem final:

“O grande dinheiro não está no comprar e vender... mas sim em esperar.” – **Charlie Munger.**

Ao encerrarmos mais esta edição da nossa carta, reforçamos que, assim como Munger nos ensinou, a verdadeira oportunidade surge quando mantemos o foco no valor real dos negócios, no longo prazo e não nos deixamos levar pelos ruídos do mercado no curto prazo.

Por fim, seguimos em um mercado acionário mais favorável a nós do que foi no ano passado, guiando o portfólio, que já aparenta estar dando bons frutos em 25, com olhar atento e a confiança de que é no longo prazo — e não nas oscilações pontuais — que se constrói riqueza duradoura.

Abraço, Equipe Rumo Negócios.



rumonegocios.com.br

CONTATO

MARCUS LIMA

ri@rumonegocios.com.br

+55 41 3029-5309

+55 41 9 9909-0009

Disclaimer

Este material tem como principal objetivo compartilhar informações e promover a transparência sobre a gestão conduzida pela Rumo Negócios. Não deve ser interpretado como um convite à compra ou venda de ativos, nem como uma oferta, análise ou recomendação de qualquer tipo de investimento, alocação de recursos ou adoção de estratégias financeiras. Não representa, em nenhuma circunstância, uma oferta de venda de valores mobiliários. Os retornos obtidos em períodos anteriores não garantem resultados futuros, e os rendimentos divulgados não consideram tributos. Os indicadores econômicos apresentados nos gráficos servem apenas como referência e não devem ser entendidos como metas ou parâmetros de desempenho. Investimentos em fundos não contam com garantias por parte do gestor, de mecanismos de seguro ou do Fundo Garantidor de Créditos.